

A ética ilumina a consciência humana, sustenta e dirige as ações do homem, norteando a conduta individual e social em direção à proteção do cosmos.

Quem estudou a vida do homem histórico João Batista de La Salle poderá captar nela uma espiritualidade que vai além de suas longas horas de oração e meditação, e de sua insistência em buscar em tudo a vontade de Deus.

Arno Francisco Lunkes, fsc

A pedagogia lassalista frente à ética e ao caos

The lassalian pedagogy in the face of ethics and chaos

Arno Francisco Lunkes, fsc*

Resumo

O presente trabalho propõe a reflexão em torno dos conceitos de *ética* e *caos* no universo escolar, a partir da análise de alguns ícones da Pedagogia Lassalista, tais como “firmeza e ternura”, “educação humana e cristã”, “bons cristãos e bons cidadãos”. A Pedagogia Lassalista, neste sentido, é desafiada a ser construtora de ética a partir de seu espaço educativo, assim como a, conseqüentemente, propor caminhos para a superação do caos, que está representado pelo mundo em franca desarmonia e que se impõe em todos os segmentos inter-relacionais. Considerando que só é possível suplantar o caos através do estabelecimento do “cosmos”, ou seja, de um mundo harmonioso, refletimos sobre a importância do exercício da espiritualidade nas práticas pedagógicas. Vale dizer que tomamos o termo “espiritualidade” como transcendência da identidade e como o caminho pos-

sível para a formação de cidadãos éticos, conscientes, solidários e fraternos. Desse modo, cumpre à Pedagogia Lassalista, cada vez mais, a afirmação das atitudes responsáveis pela construção e restauração da cidadania e da ética, que nada mais é que a filtragem consciente dos estímulos e valores do mundo.

Palavras-chave:

Pedagogia Lassalista, caos, espiritualidade, ética.

Abstract

The current work proposes a reflection around the concepts of *ethics* and *chaos* in the school universe, from the analyses of some icons of the Lassalian Pedagogy, such as “firmness and tenderness”, “human and Christian education”, “good Christians and good citizens”. The Lassalian Pedagogy, in

* Mestre em Educação, Universidade Católica de Brasília; Diretor do La Salle Instituto Abel RJ, Brasil; arno.lunkes@lasalle.org.br

this sense, is challenged to be ethics' constructor from its educational space, thus as to, consequently, propose ways to the surpassing of chaos which is represented worldwide in frank disharmony and which impose itself in all the inter-relational segments. Considering that it is only possible to supplant chaos through the establishment of "cosmos", that is, of a harmonic world, we have reflected about the importance of the exercise of spirituality in the pedagogical practices. It is worth saying that we have taken the term "spirituality" as a transcendence of identity and as a way possible for the formation of ethics, conscious, supportive and fraternal citizens. Thus, it is up to the Lassalian Pedagogy, more and more, the affirmation of the attitudes responsible for the construction and restoration of citizenship and ethic, which is nothing else than the conscious filtering of the stimulus and values of the world.

Keywords:

Lassalian Pedagogy, chaos, spirituality, ethics.

Introdução

O tema do IV Congresso Internacional Lassalista de Educação, realizado na UNILASALLE-RJ é desafiador: *"Ética ou caos? O futuro em questão"*. Já o tema da mesa temática, por tocar diretamente o existencial de quem tem a missão de educar, é também altamente desafiador: *Ética ou caos e Pedagogia Lassalista*.

gogia Lassalista.

Sem a devida autorização dos mentores do tema, pedimos vênua a Mesa Temática para inverter os termos, a fim de facilitar a nossa reflexão e provocar a de vocês: O futuro em questão: Ética ou Caos? Pedagogia Lassalista: Ética ou Caos?

Permitam-nos, também, passar-lhes uma tarefa: se, ao final do Congresso, a decisão puder ser de vocês, o que farão? Ética ou caos?

Como todos aqui são educadores e educadoras, propomo-nos a utilizar os trinta minutos que nos são concedidos, para ajudarmos a organizar o seu *"Plano de atividades e estratégias"* ou seu *"Projeto Ética ou Caos"*. Tomamos, por isso, a liberdade de dar algumas dicas, que esperamos sejam enriquecidas no percurso deste congresso.

Primeiro, apresentamos uma "noção" de caos e de ética. Confiamos na certeza de que os conferencistas vão aprofundar essas noções. Desse modo, a nossa contribuição para esses conceitos será algo muito incipiente e limitado, apenas para iluminar o ponto de convergência desta mesa que é a prática pedagógica (Lassalista, no nosso caso).

O caos existe – ele é expansível

O termo caos tem, pelo menos, dois focos: descreve a situação de forças estáticas (ou tornadas está-

ticas) com potencial de ação onidirecional e de começo e efeitos imprevisíveis, e é também a situação gerada pela liberação desorganizada dessas forças de ação.

A descrição bíblica da origem do universo nos remete ao primeiro sentido, uma vez que no princípio "a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, um vento de Deus pairava sobre as águas". Embora o termo não esteja no texto bíblico, os biblistas não duvidam em atribuir o termo *caos* a tal situação da terra que pode ser caracterizada como informe, desolada, sem movimento, sem caminhos.

Por outro lado, encontramos no primeiro versículo da bíblia: "No princípio Deus criou o céu e a terra" (Gen 1,1). É, portanto, à atividade de Deus que se atribui a saída do *caos* para o *cosmos*. *Cosmos* é entendido como o mundo, o céu e a terra, enquanto espaço existencial organizado, harmonizado, em condições de utilizar suas energias de forma sistêmica e a favor da continuidade da vida (Cf. Van den Born, A. 1997).

Contudo, a atividade de Deus, geradora do *cosmos*, não extingue o espaço e a ação do *caos*. Ele se expande na história, tem poder de dominação sobre o ser humano e acaba "condenando" a humanidade a viver no espaço do *caos* desafiado a construir o seu "*cosmos*", ou seja, a construir sempre de novo, a sua harmonia. Lembremos, neste sentido, as narrativas míticas do "Paraíso e pecado original", da

Torre de Babel e do Dilúvio. Lembremos, também, as tragédias produzidas pela humanidade: nazismo, pobreza crônica, genocídios, devastação da natureza etc.

A ética existe – ela é frágil

"Ética" é palavra de origem grega ("íthos") e significa "a clareza da alma". O verbo grego "ítheo" significa "filtrar". Assim, uma pessoa possuidora de ética, filtra melhor os estímulos e valores do mundo, assim como as práticas morais e religiosas.

Quando filtramos, eliminamos o que não é bom. Portanto, uma pessoa com ética tem valores morais, religiosos, sociais bem filtrados de forma a garantir a existência do "cosmos". Em outras palavras, a ética ilumina a consciência humana, sustenta e dirige as ações do homem, norteadas a conduta individual e social em direção à proteção do cosmos.

Como todos os valores, a ética é frágil. Não se impõe por si mesma. Precisa de pessoas e de instrumentos que a protejam e a façam viver, agir, sobreviver. E sem ela o mundo abre espaços e chances à expansão e ao domínio do caos.

A pedagogia lassalista existe – o desafio de ser cosmogênica

Queremos, aqui, contemplar a

pedagogia lassalista como um dos muitos instrumentos de construção e restauração da cidadania, da ética, da moral, da religião ou, para ficar no nosso foco, como geradora daquele cosmos do qual antes falamos.

Tomando como fonte alguns “ícones” bem conhecidos dos lassalistas, propomos alguns confrontos entre *ética* e *caos* no intuito de provocar a reflexão e a possível tomada de novas posições dos congressistas.

a) *“Deveis ter para com vossos alunos a firmeza de pai e a ternura de mãe”*. Sob este ícone encontramos o desafio da disciplina, da exigência à altura do nível do educando, a força do controle e da intervenção pedagógica consistente, além do acompanhamento de seu desempenho e a proximidade físico-afetiva. Considerando que cabe ao educador garantir que esta relação seja madura, responsável e, como tal, construtiva, podemos supor que a fonte de *caos* neste chão pode estar em primeiro lugar na “condição” do próprio educador, enquanto condutor de um processo. O desequilíbrio ou desestruturação ética, moral, afetiva, disciplinar deste poderá desencadear processos capazes de levar o educando a uma situação caótica ou a nela mantê-lo. O educando, por sua vez, é construtor de seu cosmos, sempre marcado pelo mistério, pelo ainda não conquistado em plenitude, por seu sentido de valor, sempre sujeito à fragilidade e

necessitado de apoios confiáveis.

Daí o desafio de educadores cujo “cosmos” seja capaz de suportar, abordar e reverter os possíveis “caos” do educando; que tenha condições personalógicas de responder à necessidade e à expectativa de segurança e de confiança básica necessárias ao ser humano para desenvolver relações maduras e responsáveis, e ainda, de enfrentar as novidades e surpresas do mistério. Este “cosmos” deve, igualmente, ser capaz de responder ao desejo de receber atenção, afeto, carinho, ser considerado, admirado, contemplado e valorizado.

O desafio bate em cheio nas instituições de formação do educador. Que tal introduzir algo como “acompanhamento psicológico” no processo formativo do educador? Assinalamos, também, a importância dos orientadores educacionais e de serviços de psicologia no mundo escolar para ajudar educandos e educadores no projeto que prevê “que o cosmos pessoal vá bem”.

b) *“Em vosso emprego deveis unir o zelo pelo bem da Igreja com o zelo pelo bem do Estado”*. Para La Salle, época em que a Igreja era parceira incontestada do Estado, tratava-se de uma questão de eficiência: “vossos discípulos começam a ser membros da Igreja e do Estado e deverão, um dia, sê-lo com perfeição” (Cf. La Salle, JB, 1988).

Esse ícone, porém, projetado para nosso tempo, abre uma diversidade de outros campos não atin-

gíveis pela mentalidade da época. Consideremos alguns, como apoio para nossa difícil decisão perante ética e caos:

b.1) *fé e razão* - La Salle não duvidou da importância das duas forças na vida da pessoa: aquela da fé, simbolizada pela Igreja, e aquela da razão, expressa nas necessidades do Estado. Ele tinha consciência de que as duas forças agem juntas e se complementam e reforçam. Hoje, traduzimos essa proposta como formação, ao mesmo tempo, humana e cristã, que visa formar cada pessoa como bom cristão e bom cidadão. Se quisermos ajudar os educandos a construir um cosmos integrado, haveremos de oferecer-lhes o domínio dos recursos das diversas ciências, da religião, do pensamento filosófico e da tecnologia para que criem melhores condições de direcionar todas as suas riquezas em favor da edificação de suas vidas e da vida da sociedade. Além disto, é preciso deixar claro que o bom cidadão é participativo, também, nos projetos de sua Igreja. O bom cristão zela e se empenha para que a vida de todos os cidadãos seja a melhor possível. E, assim, expressa na vida diária sua esperança e caridade, celebrada com sua comunidade de fé.

b.2) *cidadania e ecologia* - O princípio fundamental que constitui a ética é que o outro, por natureza, é um sujeito de direitos e sua vida deve ser digna tanto quanto a nossa precisa ser. Levada ao plano social, esta "regra de ouro" é fon-

te de convivência construtiva com outra pessoa, outra família, outra cidade, com a terra, suas riquezas e sua vida. Se transportarmos o "*bem do Estado*" para o contexto atual da humanidade, deparamo-nos em cheio com o Planeta Terra enquanto Estado, casa, tenda comum. A educação está desafiada a entrar no "tempo da veneração e mútua colaboração entre Terra e humanidade", já batizado como Era Ecológica, que é descrita maravilhosamente por Leonardo Boff em sua coleção de três volumes "*Virtudes para um outro mundo possível*" (Vozes. v. 1, 2005; v. 2, 2006; v. 3, 2006). Temos em nossas mãos o Planeta Terra a restaurar-lhe o "cosmos". O primeiro passo? Ampliar a visão que dele temos; ultrapassar as dimensões de "meu" corpo, "meu" grupo, "minha" casa, chácara, cidade... "meu" túmulo... E universalizar a cidadania, a visão do projeto da vida; contemplar o mistério a partir de outro planeta e concordar com o que disse o astronauta Sigmund Jähn, quando retornou da lua:

São algo ultrapassadas as fronteiras políticas. Ultrapassadas são também as fronteiras das nações. Somos um único povo e cada um é responsável pela manutenção do frágil equilíbrio da Terra. Somos seus guardiões e devemos cuidar do futuro comum (apud BOFF, 2005, p.7).

Será que conseguiremos fazer da escola um centro de superação da

egolatria?

b.3) igreja e religião: o pluralismo – As igrejas são institucionalizações do sagrado, do mistério, da divindade (Deus, Buda, Alá, Javé, Jesus Cristo etc.). Quando o mistério se institucionaliza, ele se limita e se empobrece dentro da história humana. Nenhuma instituição consegue captar a totalidade do mistério. A reflexão teológica de variadas vertentes em torno do pluralismo religioso vem dando largos passos em favor da comunhão e da busca em conjunto de caminhos de salvação para a humanidade. Este diálogo inter-religioso, além de reforçar, reconhece que há uma “experiência de revelação” na convicção religiosa do outro. Nem sempre o “institucionalizado” consegue acompanhar esta corrida (cf. Jo. 20,4). A revista *Concilium* 1/2007 reúne um bom conjunto destas reflexões e, inspirados em algumas delas, é que tecemos estas breves considerações para iluminar o nosso tema (SUSIN; BALASURIYA; TEIXEIRA; VIGIL).

As escolas lassalistas no mundo inteiro são escolas de identidade católica. É esta a contribuição que nós temos obrigação de dar à humanidade no que se refere à religião, à visão sobre as ciências, sobre a política etc. E é preciso que ela seja segura, refletida, historicamente vivida, teoricamente fundamentada na maior variedade possível de ciências. Mas, se queremos ser coerentes com a missão educativa que nos coloca frente ao

mistério do ser humano, precisamos manter a consciência de que estamos diante da diversidade e não temos, como nenhuma ciência tem, o poder de captar a totalidade do mistério. É preciso, portanto, que descartemos toda atitude e posição de superioridade ou exclusividade.

Uma abordagem “multi” (cultural, religiosa, étnica, disciplinar etc.) das questões importantes, que mexem com valores centrais, faz-se necessária, hoje em dia, para ajudar educandos de todos os níveis a conquistar maior segurança na sua identidade religiosa, política, sócio-cultural e familiar.

Não se trata de renúncia às próprias convicções em nome de outras, mas de enriquecimento pela luz de outras visões, a compreensão e a vivência dos valores pessoais e o respeito à diversidade dos potenciais de viver e expressar o mistério da divindade, assim como da humanidade.

É a insegurança quanto a nossa identidade que bloqueia a abertura para valores e práticas capazes de gerar universalidade e acolhida da diversidade. Temos, por isso mesmo, dificuldade de lidar com o pluralismo que nos cerca. Caímos na tentação de proteger a todo custo o que é nosso e perdemos a visão das riquezas antropológicas, espirituais, sociais do outro, além das possibilidades de crescimento e de ampliação de nossa vida que a partilha poderia promover (como a criança que segura o seu brinquedo

do só para si e o brincar fica diminuído ou adiado).

Estamos a fim de incluir no nosso “cosmos” escolar a harmonia inter-religiosa?

c) Pobres: os de sempre

Jesus disse: “Pobres sempre tereis entre vós” (Mt. 26,11). La Salle disse: “Considerai como é um mal corrente entre os pobres, deixarem viver os filhos soltos (...) sem enviá-los à escola.” (LA SALLE, 1988). A Regra dos Irmãos das Escolas Cristãs diz que a Congregação deve estar atenta “em primeiro lugar às necessidades educativas dos pobres, que aspiram a tomar consciência de sua dignidade de homens e de filhos de Deus...” (n. 11, In ECHEVERRIA, 2002, p.11).

Em regiões capitalistas do mundo, há uma certa dificuldade de dizer com clareza quem são os pobres. Fala-se de muitos tipos de pobres (ou criam-se, para a necessária acomodação). Contudo, em muitas regiões do mundo, e do Brasil também, todos sabem, sem dúvidas, quem são eles. É só dar um passo para fora de casa.

Acreditamos que todas as escolas aqui representadas estão, de alguma forma, inseridas num contexto de mercado, onde o produto Educação é negociado. É um mundo tecnológico, da informação, fortemente dominado pelo esquema da competição e por inúmeras outras forças excludentes. É este, muitas vezes, o espaço da proliferação dos

“sem chance”, dos que vão sendo excluídos e empobrecidos. Nós, às vezes, aderimos a essa proposta, tranquilizados pelo sucesso da maioria nos concursos, exames vestibulares e assemelhados.

Qual é o mínimo que nos cabe em fidelidade aos valores que, como instituição educativa cristã católica, cidadã e, em especial, lassalista proclamamos e defendemos? *Optar por não seguir as leis de exclusão do mais fraco* que, em geral, vem a ser aquele que em sua história de vida não teve muitas ou boas chances. Quando se trata de direitos fundamentais, não podemos nos satisfazer com atendimento ou bem estar da maioria. A minoria tem os mesmos direitos: daí o alerta de estarmos atentos às necessidades educativas dos pobres.

d) Espiritualidade: a transcendência da identidade

O jornalista Celso Nucci (2007, p. 33), assessor da presidência da Radiobrás, em artigo recente sobre a espiritualidade nas empresas, assim se expressa:

Pessoas que convivem em clima de liberdade, afeto, criação, solidariedade, são pessoas que exprimem o espírito, vivem a espiritualidade. Uma espiritualidade simples e sutil que flui fácil, que melhora a convivência, o desempenho pessoal, a produtividade e o desempenho das empresas. Aperfeiçoa a consciência individual e do conjunto. O resultado disso, na vida diária da empresa, faz parecer os antigos

programas de qualidade total e seus assemelhados a velhas peças de museu.

O jornalista não se refere à oração no ambiente de trabalho, nem à religião praticada pelos funcionários da empresa. Também no nosso caso, a espiritualidade deve ser traduzida como “o espírito que anima” a vida da escola. Quem estudou a vida do homem histórico João Batista de La Salle poderá captar nela uma espiritualidade que vai além de suas longas horas de oração e meditação, e de sua insistência em buscar em tudo a vontade de Deus. A sensibilidade para com a situação dos desfavorecidos, o senso de solidariedade, a empatia, a inquietação diante das diferenças sociais, a compaixão e tantos outros sentimentos carregados de altruísmo são marcas de seu modo de ser. A íntima união entre este “húmus” humano e a moção divina moldou suas ações na direção das Escolas para a educação cristã dos “filhos dos artesãos e dos pobres”, e a constituição gradativa de uma instituição de homens que consagrassem a sua vida de forma exclusiva a este ministério. A transcendência do ideal conferiu força histórica à vida da instituição, que, em três séculos, perpassou diferentes culturas, religiões e etnias. Os cem anos de presença lassalista no Brasil são parte da história desta transcendência.

Hoje o serviço educativo lassalista, para manter-se fiel a esta “obra da Divina Providência”, “de gran-

díssima necessidade” para a infância e a juventude, precisa deixar fluir esta simples e sutil espiritualidade em sua dupla dimensão: a da fé e a da fraternidade. Em outras palavras, espiritualidade baseada na fé, que se traduz espontaneamente em ética, cidadania, solidariedade, apoio mútuo, atenção e ajuda ao mais fraco, capacidade de convivência harmônica, firmeza, ternura, valores estes que, em última instância, dão sentido e fundamento aos demais propósitos que nos cercam.

Para não concluir

Muitas vezes já ouvimos : “Eu gostaria muito de voltar ao La Salle, porque lá...”. Tal declaração revela que temos um “habitat educativo” a oferecer. Ele tem a sua originalidade e é a nossa contribuição para o mundo da educação. É também nossa atração e nosso impulso. Espero que todos os lassalistas, munidos de saber e sabedoria, possam contemplar a grandeza da missão que lhes cabe e com ela comprometer-se. Quem nos deixou algum dia, desejará retornar a nós?

Estamos todos fartos de ouvir e de saber que as transformações do mundo são rápidas e profundas. Por isso:

para que a educação se torne um elemento transformador da sociedade ela deve começar por redefinir seus elementos filosóficos e antropológicos e suas perspectivas pedagógicas. Isso levará, sem dúvida, à formulação de po-

líticas adequadas à definição de prioridades, condizentes com a realidade (ROGERS; LYNCH, 2006, p.19).

Esperamos, pois, que já tenha se extinguido do sonho de todos os lassalistas a idéia de um retorno à escola da uniformidade, do silêncio, da unicidade de comportamentos e visões, da ausência de movimento, das idéias prontas. Caso contrário, estaríamos retornando ao caos primitivo. E, se isto um dia acontecer, e algum educador lassalista lá estiver, assim como Deus no princípio, ele terá a nobre missão de provocar as forças do caos para que se atritem, se tensionem e entrem em ebulição. Aí então, a graça de participar da criação fará a sua parte.

Referências

- BALASURIYA, Tissa. As religiões, especialmente cristianismo, diante do futuro. In: **Concilium** 1/2007. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.
- BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005-2006. v. 1: Hospitalidade: Direito de dever de todos (2005); v. 2: Convivência Respeito e Tolerância (2006); v. 3: Comer e beber e viver juntos (2006).
- ECHEVERRÍA, Álvaro Rodriguez. **Regra dos Irmãos das escolas Cristãs**. Roma: S/E, 2002.
- LA SALLE, João Batista de. **Meditações sobre as principais festas do ano**. Meditação n: 160,3. In: LUDWIG, Afonso (Trad.). *Meditações de São João Batista de La Salle*. Canoas/RS: La Salle, 1988.
- _____. **Meditações para o tempo de retiro**. Meditação n: 194,1. In: LUDWIG, Afonso (Trad.). *Meditações de São João Batista de La Salle*. Canoas/RS: La Salle, 1988.
- NUCCI, Celso. O espírito das (nas) empresas. **Revista da ESPM**, v. 14, p. 33, jan./fev. 2007.
- ROGERS, Anthony; LYNCH, Patrick. Na Ásia multi-cultural e multi-religiosa. In: CAPELLE, Nicolas. **Educação Solidária: Pedagogia Lassalista para o Século XXI**. Paris: Salvator, 2006.
- SUSIN, Luiz Carlos. Emergência e urgência do novo paradigma pluralista. In: **Concilium** 1/2007. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- TEIXEIRA, Faustino. O pluralismo religioso como novo paradigma para as religiões. In: **Concilium** 1/2007. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- VAN DEN BORN, A. Verbetes “Caos” e “Cosmos”. In: **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.
- VIGIL, José Maria. O paradigma Pluralista: tarefas para a teologia para uma releitura pluralista do Cristianismo. In: **Concilium** 1/2007. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.